



ISSN: 2595-1661

ARTIGO

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](#)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



Tu, você ou cê? Um olhar sociolinguístico sobre o pronome de segunda pessoa do singular no português brasileiro

Tu, você or cê? A sociolinguistic perspective on the second-person singular pronoun in Brazilian Portuguese

DOI: 10.55892/jrg.v8i19.2208

ARK: 57118/JRG.v8i19.2208

Recebido: 06/06/2025 | Aceito: 28/06/2025 | Publicado on-line: 02/07/2025

Suziane de Oliveira Porto Silva¹

<https://orcid.org/0000-0002-9941-6238>

<http://lattes.cnpq.br/1407956849369388>

Universidade Federal de Alagoas, AL, Brasil.

E-mail: suziane.porto@hotmail.com



Resumo

Neste artigo, discutimos a variação pronominal da segunda pessoa do singular no português brasileiro, com foco nas formas *tu*, *você* e *cê*, a partir de uma abordagem sociolinguística. Realizamos uma revisão de literatura, articulando os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (Labov, 2008) e da Teoria do Poder e da Solidariedade (Brown; Gilman, 1960). Exploramos os aspectos históricos da gramaticalização da forma *você*, os tratamentos conferidos pelas gramáticas normativas e descritivas, o panorama da distribuição regional das formas e os condicionamentos linguísticos e sociais que influenciam sua escolha. Ao longo da análise, evidenciamos que essas formas pronominais não apenas coexistem, mas são mobilizadas segundo fatores linguísticos e extralinguísticos. Ao reconhecer essa variação, buscamos contribuir para uma reflexão crítica sobre os usos reais da língua.

Palavras-chave: Variação pronominal. Segunda pessoa. Sociolinguística. Português brasileiro. *Tu*, *você* e *cê*.

Abstract

In this article, we discuss the pronominal variation of the second-person singular in Brazilian Portuguese, focusing on the forms tu, você, and cê, from a sociolinguistic perspective. We conducted a literature review, articulating the principles of the Theory of Linguistic Variation and Change (Labov, 2008) and the Theory of Power and Solidarity (Brown & Gilman, 1960). We explore the historical aspects of the grammaticalization of você, the treatment of these forms in both prescriptive and descriptive grammars, the regional distribution patterns, and the linguistic and social

¹Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

factors that influence their selection. Throughout the analysis, we demonstrate that these pronominal forms not only coexist, but are mobilized according to linguistic and extralinguistic factors. By acknowledging this variation, we aim to contribute to a critical reflection on the actual uses of the language.

Keywords: *Pronominal variation. Second person. Sociolinguistics. Brazilian Portuguese. Tu, você, and cê.*

1. Introdução

A variação pronominal da segunda pessoa do singular no português brasileiro evidencia mudanças significativas na estrutura pronominal da língua, refletindo transformações históricas, sociais e culturais que marcaram a trajetória do idioma no país. Embora o pronome tu seja tradicionalmente reconhecido como a forma de segunda pessoa do singular, seu uso não se apresenta de maneira homogênea em todas as regiões brasileiras. A forma você, amplamente utilizada pelos falantes, consolidou-se como uma alternativa recorrente na oralidade, acompanhada por suas variantes reduzidas, como ocê e cê. Esse cenário revela um sistema variacional em funcionamento, em que diferentes formas coexistem e são selecionadas conforme fatores diversos.

A forma pronominal você tem origem na expressão de tratamento Vossa Mercê, utilizada inicialmente como forma de reverência. Com o passar do tempo, essa expressão passou por um processo de desgaste fonético e de reanálise morfosintática, até se estabilizar como pronome pessoal de uso comum. Esse processo, compreendido como gramaticalização, alterou o paradigma pronominal do português brasileiro, possibilitando o uso de você como sujeito com flexão verbal de terceira pessoa. A forma reduzida cê, decorrente do mesmo processo, amplia esse quadro e reforça a importância de se observar o fenômeno a partir das práticas efetivas de fala.

Essa reorganização no uso dos pronomes da segunda pessoa não ocorre de forma aleatória. Diversos estudos sociolinguísticos indicam que fatores como faixa etária, gênero, escolaridade, contexto de fala, grau de formalidade da interação e tipo de vínculo entre os interlocutores exercem influência direta sobre a escolha pronominal. Scherre et al. (2015), por exemplo, ao mapear a variação entre tu e você no Brasil, demonstram que há um padrão de distribuição regional das formas, ainda que marcado por instabilidades e alternâncias que variam de acordo com os contextos locais. Assim, a escolha entre tu, você e cê está relacionada a práticas discursivas situadas, que revelam aspectos da construção da identidade social dos falantes e das relações interpessoais estabelecidas na interação.

Apesar disso, ainda há certo apagamento da questão no ensino da língua portuguesa, o que contribui para a manutenção de uma visão normativa que não contempla a realidade linguística das comunidades de fala. A escolha pronominal é frequentemente tratada como erro ou como desvio de norma, sem que se reconheça sua legitimidade enquanto traço constitutivo da língua falada no país. Esse distanciamento entre a norma prescrita e o uso efetivo exige um olhar mais atento da pesquisa linguística, capaz de considerar a língua em uso como ponto de partida para a análise.

Neste artigo, propomos uma discussão sobre a variação pronominal da segunda pessoa do singular no português brasileiro, com base em uma revisão da literatura especializada que aborda o tema sob diferentes perspectivas. A partir dos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008) e da

Teoria do Poder e da Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960), analisamos os sentidos atribuídos às formas pronominais *tu*, *você* e *cê*, com foco na abordagem qualitativa e na observação do uso real da língua em contextos de interação. O objetivo é refletir sobre os aspectos sociais que atravessam esse fenômeno e contribuir para a ampliação do debate em torno da variação linguística no Brasil, considerando a multiplicidade de fatores envolvidos na escolha pronominal.

2. A variação pronominal de segunda pessoa do singular

A variação pronominal no português brasileiro, particularmente no que se refere às formas de segunda pessoa do singular *tu*, *você* e *cê*, configura-se como um fenômeno expressivo da dinâmica linguística do país. Essa variação não apenas reflete diferenças regionais, mas também revela condições históricas e interacionais que moldam o uso da língua em contextos concretos. Para compreender a amplitude dessa variação, propomos um estudo realizado observando de quatro eixos interligados: os aspectos históricos e a gramaticalização da forma *você*; o tratamento das formas nas gramáticas normativas e descritivas; o panorama da distribuição regional das formas; e os condicionamentos linguísticos e sociais que influenciam suas escolhas.

2.1. Aspectos históricos e gramaticalização da forma *você*

O sistema pronominal do português brasileiro passou por significativas reconfigurações ao longo de sua história, especialmente no que diz respeito às formas de segunda pessoa do singular. A forma *tu*, de origem latina, foi durante séculos a única forma para o desempenho da função de interlocutor direto, com flexão verbal própria e plena inserção no paradigma pronominal do português. No entanto, a forma *você*, hoje amplamente utilizada na oralidade e em contextos comunicativos diversos, ingressa nesse sistema por meio de um processo histórico-linguístico que envolve transformações fonéticas, morfossintáticas e pragmáticas, amplamente descritas pela literatura.

A origem da forma *você* está diretamente vinculada à expressão de tratamento *Vossa Mercê*, que, nas variedades do português europeu e brasileiro dos séculos passados, era empregada para se referir a pessoas de elevada posição social. Com o passar do tempo, essa expressão sofreu um processo de desgaste fonético e redução lexical, que culminou na sua gramaticalização. Como explica Vitral (1996), esse tipo de mudança envolve a transição de um elemento originalmente lexical, nesse caso, um pronome de tratamento, para uma função de pronome, adquirindo novas propriedades morfossintáticas e discursivas no sistema da língua.

A forma *Vossa Mercê* inicia como forma de tratamento polissintagmática e referencialmente marcada para o tratamento cortês, sendo, com o tempo, reanalisada pelo falante como uma unidade pronominal. O processo passa por estágios de erosão fonética, *Vosmecê*, *ocê*, *você*, e culmina com a integração do elemento no quadro pronominal, passando a concorrer com o *tu* na expressão da segunda pessoa” (VITRAL, 1996, p. 49).

Essa transformação não foi apenas formal. A adoção de *você* implicou uma ruptura no sistema de concordância verbal tradicional, visto que, apesar de ser utilizado com valor de segunda pessoa, o pronome exige flexão verbal de terceira. A frase “*você vai*” é gramaticalmente aceita no português brasileiro, enquanto “*tu vai*”, embora amplamente utilizada na fala, permanece condenada pelas prescrições normativas. Essa assimetria entre sujeito pronominal e morfologia verbal evidencia

um processo de reanálise que se estabilizou na oralidade e, com o tempo, passou a integrar a competência linguística dos falantes, independentemente da adequação normativa.

A gramaticalização de *você*, portanto, não é apenas um fenômeno de simplificação fonética, mas um marco de reorganização do sistema pronominal, em que elementos extralinguísticos, como a mudança nos regimes de tratamento social e a democratização das interações linguísticas, também desempenharam papel relevante. A língua portuguesa, nesse processo, reafirma seu caráter dinâmico, promovendo a emergência de novas formas pronominais que respondem a contextos de uso e necessidades comunicativas concretas.

A forma *cê*, por sua vez, representa uma redução ainda mais acentuada de *você*, e sua presença tem se consolidado como traço característico da oralidade informal. Embora marginalizada por gramáticas tradicionais e frequentemente associada a falantes de baixa escolaridade ou a registros de pouco prestígio, o *cê* é, na prática, um recurso expressivo altamente produtivo, empregado de forma recorrente em situações de intimidade, afetividade ou humor. Seu uso amplia a polissemia e a nuance das interações linguísticas, reafirmando a complexidade e riqueza da variação pronominal no português brasileiro.

É importante destacar que a ascensão de *você* e, posteriormente, de *cê*, não resultou no desaparecimento da forma *tu*. Esta permanece em circulação em diversas comunidades de fala, especialmente no Sul e no Norte do país, mas também em setores da população nordestina, ainda que muitas vezes acompanhada de flexão verbal de terceira pessoa. Tal coexistência demonstra que o sistema pronominal brasileiro comporta múltiplas formas concorrentes, acionadas conforme variáveis regionais, socioculturais e situacionais. Nesse sentido, a alternância entre *tu*, *você* e *cê* não deve ser compreendida como falha ou desvio, mas como expressão legítima da diversidade linguística que caracteriza o português falado no Brasil.

Assim, a trajetória da forma *você*, desde seu surgimento como título de cortesia até sua consolidação como pronome pessoal de uso comum, evidencia não apenas um processo de mudança gramatical, mas também uma transformação profunda nas relações comunicativas mediadas pela língua, cujas implicações se estendem à organização da concordância verbal, à construção das relações sociais e ao reconhecimento da legitimidade das variedades linguísticas não padronizadas.

2.2. O lugar das formas pronominais nas gramáticas normativas e descritivas

O tratamento dispensado aos pronomes pessoais pelas gramáticas reflete não apenas uma escolha teórica, mas também uma concepção ideológica sobre o funcionamento da língua. No contexto do português brasileiro, a abordagem normativa, historicamente consolidada no espaço escolar e nas práticas de letramento institucionalizado, tende a privilegiar formas associadas à tradição escrita e ao prestígio sociocultural, relegando à margem do sistema linguístico legítimo os usos consagrados pela oralidade cotidiana. Essa oposição entre norma e uso, entre idealização e empiria, torna-se especialmente evidente quando se observa o lugar ocupado pelas formas *tu*, *você* e *cê* nas diferentes correntes gramaticais.

Nas gramáticas normativas, como as de Bechara (2009), Cunha e Cintra (2008) e Cegalla (2009), percebemos uma insistência em considerar o *tu* como a forma padrão e canônica de segunda pessoa do singular, em consonância com a tradição latina e com os modelos cultos europeus. A forma *você* é, quando muito, classificada como pronome de tratamento, sem status pleno de pronome pessoal, sendo frequentemente acompanhada de advertências quanto ao seu uso. Tal postura indica

uma resistência em reconhecer o dinamismo do sistema pronominal brasileiro e sua reorganização pautada na fala. Cegalla, por exemplo, assegura que o “você não é propriamente um pronome pessoal, mas uma forma de tratamento equivalente a senhor, senhora” (Cegalla, 2009, p. 332), negando, portanto, a legitimidade estrutural de *você* como sujeito gramatical, ainda que tal uso seja largamente predominante no português falado.

Por outro lado, as gramáticas de orientação descritiva propõem uma inversão desse olhar. Ao invés de prescrever, procuram descrever o funcionamento da língua em uso, reconhecendo o caráter dinâmico e variável do português brasileiro. Perini (2006), em sua Gramática Descritiva do Português, insere *você* no sistema de pronomes pessoais, enfatizando sua produtividade e centralidade na comunicação cotidiana. Para ele, é contraditório construir descrições gramaticais com base em formas evitadas pelos falantes, enquanto se ignora aquelas que de fato compõem a competência comunicativa da maioria da população. O autor afirma que “não faz sentido descrever a língua com base em formas que os falantes evitam usar, ou fingir que não existem formas que eles usam com regularidade” (Perini, 2006, p. 113).

Essa divergência revela muito mais do que uma disputa terminológica: evidencia uma tensão de fundo entre duas formas de entender a língua, como um conjunto de regras fixas ou como um sistema vivo e em constante adaptação. Enquanto a tradição normativa se ancora em uma noção de língua idealizada, fixa e excludente, a abordagem descritiva busca compreender os fenômenos linguísticos em sua concretude, considerando os contextos de produção, os interlocutores envolvidos e os objetivos comunicativos que mobilizam escolhas linguísticas.

A forma *cê*, por sua vez, constitui um ponto cego nas gramáticas normativas. Embora seja amplamente empregada em situações informais, afetivas ou marcadas por maior oralidade, *cê* é silenciada ou estigmatizada pelas abordagens tradicionais. Trata-se de uma forma legítima do ponto de vista funcional e discursivo, mas invisibilizada nos materiais didáticos e nos manuais escolares, o que contribui para reforçar a ideia de que há um único modo correto de falar e escrever. Esse apagamento, além de linguístico, é também simbólico, pois desautoriza práticas de fala historicamente associadas a grupos populares, não escolarizados ou regionalmente marcados.

É nesse contexto que a Sociolinguística desempenha papel fundamental, ao propor uma ruptura com a lógica da exclusão normativa e apontar para a pluralidade linguística como traço constitutivo da língua. O reconhecimento de formas como *tu*, *você* e *cê* como variantes legítimas, condicionadas por fatores sociais, regionais e interacionais, desloca o eixo da análise linguística da correção para a adequação. A língua deixa de ser concebida como um modelo ideal a ser seguido, passando a ser vista como um espaço de escolhas e significações contextualizadas.

Compreender o lugar das formas pronominais nas gramáticas é, portanto, compreender também o projeto de língua que cada abordagem sustenta. Um olhar que ignora ou marginaliza os usos reais da língua contribui para perpetuar práticas de ensino excludentes, que desconsideram a realidade linguística dos falantes. Em contrapartida, um olhar descritivo, atento às marcas da variação e da mudança, abre espaço para uma educação linguística mais democrática, crítica e inclusiva.

2.3. Panorama da variação pronominal de segunda pessoa do singular nas regiões do Brasil

A alternância entre os pronomes *tu*, *você* e *cê* no português brasileiro tem sido objeto de recorrentes análises na Sociolinguística por se constituir como um fenômeno revelador das dinâmicas sociais, identitárias e comunicativas das comunidades de fala. Mais do que simples variantes pronominais, essas formas configuram escolhas sociolinguísticas marcadas por contextos regionais, fatores históricos, relações de poder e práticas interacionais. Em um país com as dimensões territoriais e a diversidade sociocultural do Brasil, a variação pronominal não apenas espelha essa pluralidade, mas também nos convida a uma compreensão mais ampla e sensível às especificidades dos falantes e dos seus modos de dizer.

No Norte do país, os estudos de Nogueira (2007), Oliveira, Cardoso (2017) e Félix (2020), revelam a vitalidade da forma *tu*, ainda que acompanhada frequentemente da chamada concordância mista, com o uso de verbos flexionados na terceira pessoa. Esse fenômeno, longe de ser interpretado como erro, evidencia uma reconfiguração interna no sistema da língua, em que o pronome tradicional permanece funcional, adaptado à oralidade e às práticas linguísticas cotidianas. A manutenção do *tu* nessas comunidades se dá também como traço de identidade local, com peso afetivo e histórico, sobretudo em espaços menos afetados pelas imposições da norma culta escolarizada. Félix (2020), por exemplo, demonstra que entre jovens da zona rural do Pará, o *tu* permanece como escolha dominante, mesmo diante da exposição midiática massiva ao *você*.

A região Sul apresenta um panorama semelhante. Pesquisas como as de Lopes e Zimmer (2007) e Machado (2015), indicam a presença consistente do *tu* em diferentes faixas etárias e níveis de escolarização, com destaque para o uso entre jovens. A forma *tu vai* ou *tu gosta* é amplamente aceita e não gera estranhamento entre os falantes, demonstrando que o julgamento normativo perde força frente às práticas reais de fala. Além disso, o *cê* também tem ganhado espaço, principalmente em interações informais e íntimas, reiterando a fluidez e a adaptabilidade do sistema pronominal.

No Centro-Oeste, os dados revelam uma hegemonia da forma *você*. Trabalhos como os de Silva (2001), Martins (2006) e Carvalho (2018) apontam para o quase apagamento do *tu* nas práticas cotidianas, com o *você* assumindo o papel de forma predominante, inclusive em registros informais. No entanto, observamos o crescimento do *cê* entre jovens falantes, sobretudo em situações marcadas por oralidade e proximidade. O *cê*, nesse contexto, não apenas representa uma redução fonética de *você*, mas se configura como uma marca geracional e estilística que ressignifica as relações interlocutivas.

O Sudeste é tradicionalmente identificado como um dos polos de expansão do *você* no português brasileiro. Estudos como os de Oliveira (2007), Galves et al. (2017), Faria (2019) mostram que a consolidação do *você* remonta ao século XIX e está associada à urbanização, à escolarização e aos meios de comunicação de massa. Ainda que o *tu* ocupe espaços estilizados, como letras de música ou falas dramatizadas, ele é compreendido como elemento de performance, não de uso cotidiano. O *cê*, por sua vez, destaca-se como forma íntima e expressiva, ressignificando o tratamento interpessoal sem abdicar da carga afetiva que carrega.

No Nordeste, os estudos são mais densos e revelam uma convivência multifacetada entre *tu*, *você* e *cê*. Pesquisas como as de Cardoso (2007), Bittencourt (2001), Santos (2005), Souza e Almeida (2016), Gomes (2020) e Moura (2013) destacam a instabilidade e a fluidez dessa alternância. Em centros urbanos como

Recife, Salvador, Fortaleza e Maceió, observamos que a escolha pronominal está fortemente condicionada por variáveis como faixa etária, escolaridade e situação comunicativa. O *tu* tende a se manter entre falantes mais velhos e com menor escolarização, enquanto o *você* aparece como forma mais frequente entre os jovens e os mais escolarizados. Moura (2013) demonstra que em Maceió, a escolha entre *você* e *cê* não se restringe à informalidade, mas também se vincula a estratégias de aproximação e identificação discursiva. O *cê*, por sua vez, é largamente utilizado em contextos informais e já não pode ser interpretado apenas como variante fonética de *você*, mas sim como uma escolha linguística carregada de sentido social.

Vale destacar que, apesar do crescimento das investigações na área, ainda há uma lacuna considerável de estudos que contemplem municípios interioranos, o que limita uma visão mais abrangente do fenômeno. A concentração de dados nas capitais ou em centros urbanos invisibiliza práticas linguísticas que podem seguir lógicas próprias e diferentes ritmos de mudança. Isso reforça a importância de ampliar o escopo das pesquisas sociolinguísticas, de modo a incluir comunidades menos estudadas e aprofundar o entendimento da variação pronominal em sua complexidade e extensão.

O panorama da variação pronominal no Brasil, portanto, reflete não apenas a diversidade linguística do país, mas também as transformações sociais e culturais em curso. As formas *tu*, *você* e *cê* não competem por um espaço estático: elas se articulam, negociam significados e expressam relações entre os falantes. Compreender essas dinâmicas é essencial para descrever o português brasileiro de forma mais precisa, respeitando sua variedade.

2.4. Condicionamentos linguísticos e sociais na escolha pronominal

A alternância entre *tu*, *você* e *cê* no português brasileiro não ocorre de maneira aleatória, tampouco pode ser compreendida isoladamente de seus contextos de uso. Trata-se de um fenômeno sistemático, ancorado em condicionamentos de ordem linguística e social que interagem de forma dinâmica e contextualizada. Assim, a escolha pronominal se revela como um importante marcador de identidade, de posicionamento social e de adequação situacional, demandando uma abordagem que vá além da simples descrição morfosintática.

Do ponto de vista interno ao sistema linguístico, a variação pronominal é condicionada por fatores como a flexão verbal, a omissão do sujeito e a estruturação sintática das enunciações. Em comunidades onde o pronome *tu* ainda é produtivo, é recorrente a presença da chamada concordância mista, isto é, o uso de *tu* com verbos na terceira pessoa, como atestado por Tarallo (2004) e por Guy e Zilles (2007). Tal fenômeno, longe de representar um erro gramatical, sinaliza uma reorganização funcional do sistema pronominal, em que a forma tradicional ressignifica sua atuação dentro da oralidade. A forma verbal, nesses casos, assume papel central na identificação do sujeito da oração, sobretudo quando este está elíptico, como em *vai sair hoje?*, contexto em que apenas a desinência verbal pode sugerir o referente.

Entretanto, os fatores linguísticos por si só não dão conta da complexidade do fenômeno. É no entrecruzamento com os condicionamentos sociais que a escolha pronominal adquire seu pleno sentido. Faixa etária, nível de escolaridade, sexo/gênero, posição socioeconômica, regionalidade e, sobretudo, o grau de intimidade entre os interlocutores figuram entre os principais determinantes da seleção entre *tu*, *você* e *cê*. Os estudos apontam que falantes mais jovens, inseridos em contextos urbanos e escolarizados, tendem a preferir *você* ou *cê*, ao passo que o *tu*

se preserve em contextos mais conservadores ou como resgate identitário em determinadas comunidades de fala ou em contextos de maior intimidade.

Nesse cenário, a Teoria do Poder e da Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960) oferece um viés interpretativo valioso. Segundo os autores, as escolhas pronominais operam como instrumentos de representação simbólica das relações sociais: o pronome pode expressar deferência, autoridade, proximidade ou igualdade. No caso do português brasileiro, é possível observar que o *você* cumpre frequentemente uma função de neutralidade formal, apropriado para situações assimétricas ou institucionalizadas, enquanto o *cê*, por sua forma reduzida e popular, costuma sinalizar vínculos de afetividade, intimidade ou pertencimento grupal. O *tu*, por sua vez, pode assumir significados ambíguos, oscilando entre o tradicional, o estilizado e o afetivo, dependendo do contexto sociocultural em que é mobilizado.

A situação comunicativa, por sua vez, também atua como variável determinante. Em interações marcadas por maior formalidade, como entrevistas de emprego, contextos acadêmicos ou relações hierarquizadas, há uma tendência ao uso do *você* como forma de distanciamento respeitoso. Já em ambientes informais e descontraídos, em que predomina a oralidade espontânea, observa-se maior recorrência do *cê* e, em algumas regiões, do *tu*, configurando um jogo de alternância que vai além da dicotomia certo/errado e evidencia uma competência sociolinguística refinada por parte dos falantes.

Importa destacar, ainda, que a escolha pronominal pode se reconfigurar ao longo de uma mesma interação. O trânsito entre formas, fenômeno recorrente em comunidades bilíngues ou multilíngues, também ocorre na variação intrassistema, como é o caso do português brasileiro. Assim, um mesmo falante pode iniciar uma conversa com *você* e, à medida que a relação se torna mais próxima ou descontraída, migrar para o uso de *cê*, revelando não apenas flexibilidade linguística, mas também sensibilidade às sutilezas do contrato comunicativo em construção.

Sendo assim, é preciso reconhecer que os padrões de variação não são homogêneos nem completamente previsíveis. Em contextos onde o *tu* permanece em uso ativo, por exemplo, há uma tolerância maior à alternância com *você*, sem que isso cause estranhamento ou comprometa a coesão discursiva. Esse fenômeno, muitas vezes classificado como instabilidade, deve ser interpretado como uma variação linguística, que resiste às tentativas de homogeneização normativista e revela, nas escolhas dos falantes, suas características.

Dessa forma, compreender os condicionamentos linguísticos e sociais que permeiam a escolha pronominal exige uma abordagem que considera diferentes aspectos. A Sociolinguística, ao valorizar os dados empíricos da fala real e os contextos de uso, permite descrever com maior acurácia o funcionamento do português brasileiro em sua diversidade, iluminando não apenas os caminhos da variação, mas também os processos de mudança linguística em curso.

3. Considerações finais

A alternância entre os pronomes *tu*, *você* e *cê* no português brasileiro constitui não apenas um fenômeno de interesse gramatical, mas sobretudo um ponto de inflexão para a compreensão das dinâmicas sociais e discursivas que estruturam o uso da língua no Brasil. Ao longo deste artigo, procuramos demonstrar que a escolha pronominal da segunda pessoa do singular não é uma decisão linguística neutra ou aleatória, mas uma prática social marcada por sentidos, estratégias e posicionamentos. É no entrelaçamento entre língua, sujeito e sociedade que a

variação pronominal se inscreve como objeto privilegiado para pensar a heterogeneidade que define o português brasileiro contemporâneo.

O percurso histórico da forma *você*, desde sua origem como expressão de tratamento formal até sua consolidação como pronome pessoal de ampla circulação, ilustra um processo de gramaticalização que não se restringe a mudanças formais, mas que redefine os modos de interlocução e de construção das relações sociais. A emergência do *cê*, por sua vez, reforça a ideia de que os sistemas linguísticos são plásticos, adaptáveis e profundamente sensíveis às dinâmicas afetivas, geracionais e contextuais dos falantes. Essas mudanças, ainda que muitas vezes invisibilizadas pelas abordagens normativas, têm repercussões profundas no funcionamento da língua e na constituição dos sujeitos que a utilizam.

Como demonstrado na análise do lugar dos pronomes nas gramáticas normativas e descritivas, o modo como as formas *tu*, *você* e *cê* são legitimadas, ou não, revela uma concepção de língua pautada ora pela homogeneização e pelo prescritivismo, ora pela valorização da diversidade e da prática linguística real. O apagamento da variação nos manuais didáticos e nas práticas escolares ainda é um obstáculo significativo para que a escola reconheça e acolha as múltiplas formas de falar dos estudantes brasileiros. A exclusão de formas como *cê*, por exemplo, não apenas reforça uma hierarquização entre os usos da língua, mas também contribui para o silenciamento de sujeitos e de identidades historicamente marginalizadas.

O panorama da variação pronominal nas regiões brasileiras evidencia que, apesar das recorrências e tendências gerais, não é possível estabelecer um modelo único ou definitivo de uso pronominal. As formas variam não apenas entre regiões, mas também dentro delas, em função de variáveis sociais como faixa etária, escolaridade, sexo/gênero, grau de formalidade e vínculos afetivos. Esse cenário reafirma o caráter contextual da variação, que se organiza conforme os sentidos que os falantes atribuem a suas escolhas linguísticas. A convivência entre *tu*, *você* e *cê*, em alguns contextos com sobreposição e alternância dentro de uma mesma interação, confirma que o português brasileiro opera com um sistema pronominal híbrido, em constante adaptação.

Ao compreendermos que a variação não é exceção, mas regra no funcionamento da língua, deslocamos o olhar da norma para o uso, da rigidez para a mobilidade, da homogeneidade para a pluralidade. Esse deslocamento é fundamental para que a análise linguística não apenas descreva os fenômenos, mas também se comprometa com uma visão mais democrática da linguagem, que reconheça os falantes em sua diversidade. Nesse sentido, o fenômeno da variação pronominal da segunda pessoa do singular torna-se uma chave potente para repensar não só o ensino de gramática, mas o próprio papel da escola na construção do conhecimento linguístico.

Além disso, ao observarmos os condicionamentos linguísticos e sociais que atravessam a escolha pronominal, reafirmamos que os falantes operam com uma competência comunicativa altamente sensível às circunstâncias de enunciação. Escolher entre *tu*, *você* e *cê* envolve mais do que selecionar uma forma gramaticalmente correta: trata-se de construir sentidos, definir relações, posicionar-se diante do outro. A linguagem, nesse processo, não é um simples instrumento, mas uma prática social complexa, em que os usos linguísticos atualizam visões de mundo, pertencimentos e identidades. Sendo assim, refletir sobre a variação pronominal da segunda pessoa no português brasileiro é também refletir sobre os modos como a língua funciona no uso dos falantes. É reconhecer que, por trás de uma escolha linguística aparentemente simples, estão imbricadas histórias, trajetórias e afetos.

Referências

- ALMEIDA, Maria Cláudia. *Variação pronominal em comunidades urbanas do Nordeste brasileiro*. Recife: EdUFPE, 2023.
- ANDRADE, Felipe Nunes. *Você e cê no português falado de Minas Gerais: uma análise sociolinguística*. Belo Horizonte: UFMG, 2023.
- BATISTA, Antônio. *Linguagem e variação: fundamentos sociolinguísticos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- BITTENCOURT, Carla Regina. *Tu e você no português nordestino: uma perspectiva variacionista*. Salvador: EDUFBA, 2001.
- BROWN, Roger; GILMAN, Albert. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEOK, Thomas A. (ed.). *Style in language*. Cambridge: MIT Press, 1960. p. 253–276.
- CARDOSO, Maria José. *Pronomes de segunda pessoa no português do Recife: uma análise funcionalista*. Recife: UFPE, 2007.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- FARIA, Cláudia. *A consolidação de você no português urbano do Sudeste: um estudo histórico-social*. São Paulo: USP, 2019.
- FÉLIX, Pedro Henrique. *Tu vai ou tu vais? Variação e mudança no português rural do Norte do Brasil*. Belém: UFPA, 2020.
- GALVES, Charlotte et al. *A história do você no português brasileiro: uma abordagem diacrônica*. Campinas: Unicamp, 2017.
- GOMES, Adriana. *Entre tu e você: um estudo de variação pronominal em Salvador*. Salvador: UNEB, 2020.
- GUTERRES, Julia Campos. *Variação pronominal no português gaúcho: um estudo empírico*. Porto Alegre: UFRGS, 2021.
- GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana Maria. A alternância tu/você no português falado: paralelismo e discurso. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 23, n. esp., p. 37–67, 2007.
- LOPES, Rosane; ZIMMER, Ana Cláudia. *Você, tu e cê: padrões de uso no Sul do Brasil*. Florianópolis: UFSC, 2007.
- MACHADO, Ricardo. *Variação pronominal e identidades linguísticas no Sul brasileiro*. Curitiba: UFPR, 2015.
- MARTINS, Patrícia. *O desaparecimento do tu no Centro-Oeste: um estudo sociolinguístico*. Brasília: UnB, 2006.
- MENEZES, Letícia. *Formas de tratamento no português urbano paulistano: entre o você e o cê*. São Paulo: USP, 2021.
- MOURA, Laís Kelly. *Você ou cê? Análise da variação pronominal em Maceió*. Maceió: UFAL, 2022.
- NOGUEIRA, Jéssica. *Variação pronominal no norte amazônico: uma abordagem sociolinguística*. Manaus: UFAM, 2007.
- OLIVEIRA, Carolina. *Tu e você na fala carioca: análise de dados sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.
- OLIVEIRA, Gláucia; CARDOSO, Marina. *Pronomes pessoais em comunidades ribeirinhas do Pará*. Belém: UFPA, 2017.

- PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 2006.
- RIBEIRO, Tiago. *A persistência do tu no português do interior do Sul: um olhar sociolinguístico*. Santa Maria: UFSM, 2022.
- SANTOS, Joana. *A alternância pronominal em Fortaleza: uma perspectiva variacionista*. Fortaleza: UFC, 2005.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira; MACEDO, Letícia; OLIVEIRA, Paulo. *Tu, você e cê no português brasileiro: um mapa da variação*. Brasília: UnB, 2015.
- SILVA, Renata. *Você e tu no português do Centro-Oeste: um estudo de Goiânia*. Goiânia: UFG, 2001.
- SOUZA, Bárbara; ALMEIDA, Rejane. *Pronomes pessoais em contextos urbanos nordestinos: variação e mudança*. João Pessoa: UFPB, 2016.
- TARALLO, Fernando. *Variação e discurso: uma abordagem sociolinguística*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- TAVARES, Milena. *Cê ou você? Um estudo de variação pronominal entre jovens de Goiânia*. Goiânia: UFG, 2021.
- VITRAL, Telúrica. *Gramaticalização no português do Brasil: a forma você*. São Paulo: USP, 1996.